

<http://dx.doi.org/10.22168/2237-6321-1918>

Muito além da flexão: um enfoque funcionalista do item linguístico *meio* no vernáculo conquistense e em livros didáticos de português

Beyond the flexing: a functionalist approach to the language item "meio" in the vernacular from Vitória da Conquista and in Portuguese textbooks

Gilsileide Cristina Barros LIMA (UESB)
gilbarroslima@gmail.com

Valéria Viana SOUSA (UESB)
valeriavianasousa@gmail.com

Jorge Augusto Alves da SILVA (UESB)
adavgvstvm@gmail.com

LIMA, Gilsileide Cristina Barros; SOUSA, Valéria Viana; SILVA, Jorge Augusto Alves da. Muito além da flexão: um enfoque funcionalista do item linguístico *meio* no vernáculo conquistense e em livros didáticos de português. **Entrepalavras**, Fortaleza, v. 8, p. 30-49, jan./abr. 2018.

Resumo: O item linguístico *meio* assume diversas funções ao longo da sua trajetória na Língua Portuguesa. Entrevistas extraídas de *corpus* do Português Culto de Vitória da Conquista apontam os vários usos dessa palavra. Nos livros didáticos de Língua Portuguesa, entretanto, desprezam-se os valores discursivo e textual que lhe são próprios, e que tendem a se fixar na língua, e mantém-se a atenção apenas na categorização gramatical e na noção preconizada pelo ensino formal de forma estigmatizada ou erro.

Palavras-chave: Meio. Funcionalismo. Português culto conquistense.

Abstract: The linguistic item “meio” takes various functions throughout its trajectory in the Portuguese Language. Interviews extracted from the corpus of Cultured Portuguese from Vitória da Conquista point out the various uses of this word. In the Portuguese language textbooks, however, the discursive and textual values that are their own, and which tend to be held in the language, are despised, and attention is only given to the grammatical categorization and the notion recommended by formal education of stigmatized form or error.

Keywords: “Meio”. Functionalism. Cultured Portuguese from Vitória da Conquista.

Introdução

Este artigo é parte de uma pesquisa realizada durante o mestrado em Linguística (LIMA, 2016) e analisa dados de fala do Português Culto de Vitória da Conquista¹ (*Corpus PCVC*) e livros didáticos adotados em estabelecimentos de ensino dessa cidade², para observar relações de semelhança ou de disparidade, que entre eles existam, no tratamento destinado ao item linguístico *meio*. Nosso objetivo foi verificar se tais obras, cujo texto se enquadra nas exigências do programa escolar, estão atentas aos diferentes usos assumidos por esse vocábulo.

A perspectiva teórica adotada sustenta-se nos pressupostos do Funcionalismo, que se “concentra no esclarecimento das relações entre forma e função, especificando aquelas funções que parecem exercer influência na estrutura gramatical” (CASTILHO, 2012, p. 21).

Na pesquisa Funcionalista, a sintaxe relaciona-se ao discurso, as formas linguísticas se originam em princípios comunicativos e possuem uma natureza pragmática. A proposição central dessa corrente é a multifuncionalidade dos itens, a cada momento surgem construções, outras desaparecem, outras ainda passam a ser utilizadas com sentidos distintos daqueles que conhecemos.

Seguindo a linha de estudos linguísticos (a Sociolinguística, por exemplo), os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) propõem mudanças no ensino de língua materna e são categóricos quanto à necessidade de a gramática tradicional considerar a língua em uso e inserir os fenômenos linguísticos em um contexto discursivo:

[...] A perspectiva dos estudos gramaticais na escola, até hoje centra-se, em grande parte, no entendimento da nomenclatura gramatical como eixo principal; descrição e norma se confundem na análise da frase, essa deslocada do uso, da função e do texto

¹ Esse *Corpus* integra o trabalho do Grupo de Estudos em Linguística Histórica e em Sociofuncionalismo – UESB/CNPq. Nesse grupo, desenvolve-se o Projeto “Estudo de fenômenos linguísticos na perspectiva (sócio) funcionalista, com base na descrição e análise da comunidade de fala de Vitória da Conquista”, com cadastro no Certificado de apresentação para Avaliação Ética (CAAE), número 34221214.9.0000.00552, e de responsabilidade da pesquisadora Prof.^a Dr.^a Valéria Viana Sousa, também líder do Grupo de Pesquisa em Linguística Histórica e em Sociofuncionalismo – UESB/CNPq. Analisamos dados do Português Culto de Vitória da Conquista (*Corpus PCVC*). Foram entrevistados 12 informantes, abrangendo os seguintes polos: seis do sexo feminino e seis do sexo masculino. Quanto à faixa etária, quatro dos informantes têm entre 15 e 34 anos, quatro entre 35 e 49 anos e quatro mais de 50 anos.

² Para análise dos livros didáticos, selecionamos aqueles adotados por quatro instituições de ensino médio de Vitória da Conquista, duas públicas e duas particulares, com melhor desempenho no Enem 2014, conforme o resultado divulgado no site: www.inep.gov.br/resultadosenem/.

[...]. A confusão entre norma e gramaticalidade é o grande problema da gramática ensinada pela escola. *O que deveria ser um exercício para o falar/escrever/ler melhor se transforma em uma camisa de força incompreensível [...]*. (BRASIL, 2000, p. 16, grifo nosso).

Alinhado a esse ponto de vista, Perini (2010, p. 18) assevera que “estudar gramática não leva, nunca levou, ninguém a desenvolver suas habilidades de leitura, escrita ou fala”. Em consonância com essa afirmação, Neves (2004) também defende a gramática do uso. Para ela, a concepção ideal de gramática é a gramática funcional, aquela que deve incluir na sua análise não só a estrutura gramatical e a situação comunicativa, mas também as funções sociais e finalidades de cada texto.

Uma teoria de cunho funcionalista assume, portanto, a tarefa de tentar explicar as regras e princípios que cercam o funcionamento das expressões linguísticas que têm seus usos estendidos, ou, “no conjunto de fenômenos que fazem com que uma mesma forma tenha seu uso ampliado para novas funções” (MARTELOTTA, 2003, p. 58).

Na primeira parte deste artigo, “A etimologia e a classificação gramatical de *meio* em dicionários da Língua Portuguesa”, passamos rapidamente por alguns dicionários para verificar a etimologia, a categorização gramatical dessa palavra em vários momentos de sua história na língua. Em seguida, na seção “Gramáticas normativas: uma regra e a variação”, recorreremos a gramáticas prescritivas para verificarmos o grau de influência da norma nos livros didáticos de português. Na seção seguinte, “O parecer de linguistas: uma forma, vários sentidos, nenhuma ‘correção’”, analisamos, de maneira breve, a opinião daqueles que se dedicam ao estudo e ensino de línguas e geralmente fundamentam as suas opiniões em investigações minuciosas.

O levantamento de dados de fala é realizado na seção “*Corpus* PCVC: vários *meios* no caminho”. A seção “Livros didáticos: um único *meio* no caminho” traz a posição dos manuais didáticos. A seção final, “*Meio*: inovação *versus* tradição” traça um paralelo entre essas duas fontes, com respaldo em opiniões de gramáticos, lexicógrafos e linguistas. As considerações finais resumem toda a discussão.

A etimologia e a classificação gramatical de *meio* em dicionários da Língua Portuguesa

Nunes (1945) assim apresenta a origem da palavra *meio*: do

Latim, o então adjetivo *mediu-*, com a perda do *d*, evoluiu para *meo* ou *meio*, e também se substantivou. Nicolau Firmino (1963, p. 343) define o vocábulo latino *mēdiūs*, ā, ūm como “adj. central, que está no meio, médio, mediano, intermédio, medíocre, vulgar, comum, moderado, duvidoso, medianeiro”.

A categorização gramatical do nosso objeto de estudo aparece da seguinte forma nos dicionários consultados:

- (1) Dar hum *meyo* a algum negocio. Dare viam, ou viam aperre, ou aperire occaſionem. Cic. (BLUTEAU, 1728, p. 473).³
- (2) [...] quando a Lua he *meya*:” i.e. tem o seu disco *meyo* alumiado (SILVA⁴, 1789, p. 283)⁵.
- (3) Êsse desprezo da forma, que a *meio* confessa o dr. Clóvis (Rui) (JUCÁ FILHO, 1963, p. 417).
- (4) Os eirados *meio* abatidos vertiam-lhes dentro em torrentes as chuvas caudais do inverno. (R. da Silva) (AULETE, 1964, p. 2562).
- (5) *meia* laranja; *meio* quilômetro; *meio* quilo (FERREIRA, 2009, p. 1.304).

Esse recuo no tempo permite observar, em dicionários antigos e em outros mais recentes, o movimento semântico e as várias funções assumidas por *meio*⁶ no decorrer da sua história na língua. De substantivo (1) e adjetivo (2) – séculos XVIII e XIX – esse elemento passa a compor também – a partir do século XX – a classe das locuções (3), advérbios (4) e numerais (5). Ao expandir suas possibilidades funcionais, *meio* tem uma forma concorrendo para várias categorias e funções. Todas, no entanto, como assevera Lima-Hernandes (2011, p. 25), “sinalizam a dinamicidade da interação linguística e as necessidades pragmáticas que impelem o falante a buscar adequada codificação sintática”.

³ O *Vocabulário Portuguez e Latino* (1712-1728), de Raphael Bluteau, é o primeiro dicionário da Língua Portuguesa. A digitalização de seus dez volumes integra a construção da biblioteca digital da Brasileira USP. Trata-se de um projeto da Reitoria da Universidade de São Paulo desenvolvido em parceria pelo IEB e Biblioteca Guita e José Mindlin. Disponível em: <http://www.brasiliana.usp.br>

⁴ Por questão acadêmica, somos obrigados a referenciar o autor como SILVA; no entanto, ele é mais conhecido por Moraes, tendo até sido criada metonímia, o Moraes, isto é, o dicionário de Moraes, para se referir à obra. Fenômeno semelhante ocorre com o Aurélio, referenciado Ferreira e citado neste estudo.

⁵ A digitalização dessa obra também integra a construção da biblioteca digital da Brasileira USP. Disponível em: <http://www.brasiliana.usp.br>.

⁶ A própria grafia da palavra modifica-se: *meyo*, século XVIII.

Conhecemos, portanto, a etimologia de *meio* e, com base em citações de autores antigos, bem como de outros mais atuais, um pouco da história da classificação gramatical da palavra *meio* em diferentes épocas. Passemos ao exame da tradição gramatical.

Gramáticas normativas: uma regra e a variação

Nosso objetivo nesta subseção é verificar, de maneira bastante sucinta, de que modo alguns autores de gramáticas prescritivas tradicionais⁷ analisam a flexão de *meio*. Para compor a nossa pesquisa, escolhemos obras⁸ dos séculos XX e XXI.

Em *Lingua Vernacula: Grammatica e Anthologia*, José de Sá Nunes (1935) traz o exemplo: “Prece christã, *meio* selvagem” (NUNES, 1935, p. 191). E explica:

Meio, é ahi, adverbio; portanto, invariável. Mas não raro se nos depara na fôrma feminina ou no plural de ambos os gêneros. Sirvam de amostra estes relanços, onde se vê *meio* adverbialmente empregado. (NUNES, 1935, p. 191).

Fazendo referência, entre outros, ao trecho “A véspera de São João, por uma usança *meia* pagã, *meia* religiosa que se perdia na noite dos tempos, era já, como é ainda hoje, um dia de diurnos e nocturnos folgares. (Alexandre Herculano: O Bobo, 11ª ed., p. 308).” (NUNES, 1935, p. 191).

Na *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*, Francisco da Silveira Bueno (1944, p. 169), explica: “Por atração sintática pode o advérbio concordar em gênero e número com a palavra a que se refere”.

“E a trouxeram *meia* morta para baixo, ou morta, melhor direi, que nenhuma palavra mais lhe ouviram” – (Camilo – Amor de Perdição, p. 206) – “Esta terra *meia* escondida é Japão” (Camões – X – 131). (BUENO, 1944, p. 169).

⁷ Apesar de *A ação da analogia no Português*, de Francisco Maria Bueno de Sequeira (1954) e o *Dicionário de Questões Vernáculas*, de Napoleão Mendes de Almeida (1996), não se incluírem no rol das gramáticas normativas tradicionais, decidimos por manter a análise dessas obras neste estudo.

⁸ Não se pronunciaram quanto ao uso da forma *meio*:

- Ismael de Lima Coutinho, em *Pontos de gramática histórica* (1974);
- Luís Antônio Sacconi, em *Nossa gramática: teoria e prática* (1983);
- Carlos Henrique da Rocha Lima, em *Gramática Normativa da Língua Portuguesa* (1998);
- Mário Vilela e Ingedore Villaça Koch em *Gramática da Língua Portuguesa* (2001);
- Celso Ferrarezi Junior e Iara Maria Teles em *Gramática do Brasileiro: uma nova forma de entender a nossa língua* (2008);
- Mário A. Perini, em *Gramática do Português Brasileiro* (2010);
- Ataliba T. de Castilho, em *Nova Gramática do Português Brasileiro* (2012).

Em *A ação da analogia no Português*, Francisco Maria Bueno de Sequeira (1954, p. 96) trata do assunto “advérbio flexionado”, fazendo uma associação com a “desinência retida”, expressão a qual define “discordância lógica, imposta pela permanência de som, uma flexão emprestada”. Citando Leite de Vasconcelos, que denomina desinência retida “atração sintática”, adverte:

Provém ela da preguiça acústica; o ouvido recusa-se a mudar de posição e, por isso, guarda o som final da palavra mais próxima, som que é imposto à palavra seguinte, embora contrariando o liame lógico dos elementos sintáticos. (SEQUEIRA, 1954, p. 96).

Na *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*, Manuel Said Ali (1964, p. 300) prescreve: a palavra *meio*, “servindo de qualificativo a um nome, toma, como outro qualquer adjetivo, o gênero e número desse nome”. E demonstra: “Celebraram as *meyas* noites com procissão de golodices gostosas (Francisco Manuel de Melo, Ap. Dial. 23)”.

Para Celso Ferreira da Cunha (1971, p. 368), existe a regra:

Os advérbios que modificam um adjetivo, um particípio isolado, ou um outro advérbio colocam-se de regra antes destes: *Meio molhados, com frio, subimos a barranca*.

Sousa da Silveira (1983), em *Lições de Português*, emprega a expressão anomalia sintática para a flexão de *meio*: “A virgem... *meia* suspensa”, “a rosa... *meia* oculta” (G. Dias, I, 198, II, 35). E cita exemplos do que considera irregularidade: “E eu te encontrei... *meia* quebrada, oh cruz”. (Herculano, Poesias, 122); “uns caem *meios* mortos” (Camões, Lus., III, 50) (SILVEIRA, 1983, p. 105).

Na *Gramática da língua portuguesa*, Celso Ferreira da Cunha (1986) repete a regra da *Gramática do português contemporâneo* (1971):

Os advérbios que modificam um adjetivo, um particípio isolado, ou outro advérbio colocam-se de regra antes destes: “*Meio* tonto, *meio* confuso, deixou-se cair no banco”. (CUNHA, 1986, p. 502).

Em *Dicionário de Questões Vernáculas*, Napoleão Mendes de Almeida (1996) opina:

“**Meio-dia e meia.** É verdade que se diz comumente *meio-dia e meio*, mas não se pode negar que a forma correta é *meio-dia e meia*, pois a palavra a que o adjetivo se refere é hora: *meio-dia e meia hora*. Não tem cabida afirmar tratar-se de flexão por atração” (ALMEIDA, 1996, p. 336).

A *Gramática escolar da Língua Portuguesa*, de Evanildo Bechara (2010, p. 423), determina: Com o valor de “metade”, usado adjetivamente, concorda em gênero e número com o termo determinado, claro ou oculto: Para aquilatar a importância do tropeiro, basta lembrar que o Brasil tem cerca de oito e *meio* milhões de quilômetros quadrados de superfície... [AAR].

Nessas obras, apesar de o debate circular em torno da variabilidade/invariabilidade de *meio*, quase todos os gramáticos (exceto Cunha, 1971 e 1986) falam sobre a possibilidade da flexão desse elemento, alguns, como Nunes (1935), Bueno (1944), Said Ali (1964) e Almeida (2005), por exemplo, mostrando-se tolerantes com as flexões.

Além das gramáticas, o item *meio* é alvo de investigações em trabalhos que utilizam métodos funcionalistas de análise de dados. A próxima seção traz um resumo do resultado dessas pesquisas.

O parecer de linguistas: uma forma, vários sentidos, nenhuma “correção”

Em *Usos do advérbio meio – modalização e flexão*, Nóbrega (2007, p. 40) analisa dois *Corpora*. O primeiro *corpus* contempla dados retirados do acervo do grupo PEUL da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). O segundo, textos do Português dos séculos XIV ao XX.

A investigação mostra

a existência de uma construção predicativa (CP) – substantivo (feminino) + *meia* + adjetivo (feminino) que apresenta variados níveis e graus de integração, mantém-se como um todo unitário e, apesar disso, motiva a flexão do advérbio *meio*”. (NÓBREGA, 2007, p. 74).

Segundo a autora, essa construção predicativa abriga dois níveis de motivação: o da codificação e o da cognição. Desde que

“os elementos que integram a CP vão apresentando graus diferentes, a proximidade desses elementos vai ficando menos no nível da codificação e mais no nível da cognição, em um *continuum*” (NÓBREGA, 2007, p. 74).

Nesse caso, na construção predicativa, a presença do verbo, o adjetivo referindo-se ao sujeito enunciador *eu* e a inserção de informações entre os elementos motivam a flexão do advérbio *meio*, levando em consideração aquilo que está mentalmente, mas nem sempre estruturalmente junto, de modo que a flexão de *meio* deve ser aceita

“como uma estrutura esquemática, isto é, como um todo unitário” (NÓBREGA, 2007, p. 7).

A autora concluiu, ademais, que “a CP não está diretamente relacionada a alguma sincronia específica, a algum tipo ou gênero textual ou mesmo à modalização oral ou escrita da língua” (NÓBREGA, 2007, p. 75).

Em amostras de fala do Português Culto falado na cidade de São Paulo, reunidas no Projeto História do Português Paulista (PHPP), Nogueira (2014) verifica, com base em uma investigação histórica realizada em dicionários dos séculos XVIII, XX e XXI, os deslizamentos funcionais de *meio* e encontra treze padrões funcionais assumidos por essa palavra.

Separamos alguns desses padrões e, conforme o ponto de vista da pesquisadora, anotamos as propriedades de *meio* nas expressões: [...] Estava *meio* interrompendo a carreira [...] (advérbio modificador de verbos, que aponta um valor aproximativo); [...] os chips ficam *meio* fora (advérbio modificador de advérbios, sinalizador de valores de imprecisão, aproximação ou atenuação); [...] a faculdade estava *meio que* dividida [...] (locução de valor discursivo-pragmático, indicadora de uma avaliação com certo grau de imprecisão, funcionando como um modal na situação comunicativa). Esses padrões não “seguem os modelos descritivos amplamente abarcados pelo ensino normativo” (NOGUEIRA, 2008, p. 17).

Com base nessas e em outras ocorrências, a linguista aponta um processo de abstratização empreendido por esse item. A inovação, segundo ela, “diz respeito à intenção do indivíduo de sempre inovar, atribuindo novos sentidos a formas velhas, guiado por leis de convivência, de grupo social, como por exemplo, faixa etária, de regras sociais” (NOGUEIRA, 2008).

Bagno (2009) faz uma análise do emprego do elemento *meio* em dicionários da Língua Portuguesa e referenda a seguinte citação do *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa* (2009):

Meio. Advérbio. Por metade; um pouco; um tanto; quase: Anda meio doente. [Há muitos exemplos, no português antigo como no moderno, desse advérbio flexionado (caso de concordância por atração): “a cabeça do Rubião meia inclinada” (Machado de Assis, Quincas Borba, p. 67); “casou meia defunta” (Id., Várias Histórias, p. 97); “a mesma mulher, sempre nua ou meia despida” (Eça de Queirós, A Cidade e as Serras, p. 366); “Uns caem meios mortos, e outros vão / A ajuda convocando do Alcorão.” (Luís de Camões, Os Lusíadas, III, 50).

Nesse trecho, Ferreira (2009) mostra exemplos do uso do advérbio *meio* flexionado por clássicos como Camões, Machado e Eça de Queirós, com base nos quais Bagno (2009, p. 241) alega: “se é para a gente imitar os ‘clássicos’, nada mais ‘clássico’ do que o uso do advérbio *meio* flexionado”.

A flexibilidade existente em outras línguas é um segundo recurso utilizado por esse autor para convencer da possibilidade de flexão de gênero e número de palavras classificadas como advérbio: “Em Espanhol também é comum a flexão de *media* (o nosso “meia”) no feminino, mesmo quando é advérbio. O fenômeno é o mesmo: concordância por atração” (BAGNO, 2009, p. 241-242).

A análise de Bagno (2009) dialoga com a de Nóbrega (2007), na medida em que defende a flexão de *meio* seguindo a linha da “motivação” ou “atração sintática”, ou seja, compreendendo que a variabilidade não é aleatória e decorre de fatores estruturais internos à língua. Dialoga também com a de Nogueira (2014), na medida em que se orienta no fato de que o uso deve ditar o que de fato é aceitável ou não na língua, em outras palavras, que “a língua existe para servir aos seus usuários, e não o contrário!” (BAGNO, 2009, p. 240).

Com uma abreviada apresentação das pesquisas de Nóbrega (2007) e Nogueira (2014), bem como do ponto de vista de Bagno (2009), concluímos a segunda parte deste estudo. Na próxima seção, mostraremos os diferentes sentidos e classificações, bem como as funções inovadoras assumidas por *meio* no Português Culto de Vitória da Conquista (Corpus PCVC).

Corpus PCVC – vários meios no caminho

No PCVC, o sentido prototípico de *meio* como substantivo “expediente, razão, artifício, invenção para conseguir alguma coisa” (BLUTEAU, 1728) cede lugar a *espaço*, um conceito mais intermediário, “ponto equidistante, ou mais ou menos equidistante, de diversos outros em sua periferia”. Na condição de “lugar, ou parte entre os extremos”, *meio* configura ambientes com uma gradação que parte de significados mais concretos (6) e (7) para os mais “vagos” e abstratos (8).

(6) Então, hoje a ideia em relação ao *meio* ambiente é muito ampla (L.C.S.);

(7) [...] Ele chega no *meio* do má e aí ele joga o anzol (L.M.R.J.);

(8) [...] e existem estilos bem bizarros até nesse *meio* (A.S.A.).

Como adjetivo de indicação numeral fracionária, o sentido “metade de alguma coisa” surge principalmente para referenciar *tempo* e a palavra flexiona-se em gênero, estabelecendo relações de concordância com o substantivo *ano*:

(9) Daqui um ano e *meio* mais ou menos (A.S.A.).

Como advérbio, significando *um pouco*, *um tanto*, *meio* é invariável e modifica verbos (10), orações (11) ou o próprio advérbio (12).

(10) [...] a cidade fica *meio* a desejá (L.M.R.J.);

(11) [...] *mei'* sem sabê o que fazê (D.A.O.);

(12) Eu 'tô *meio* assim distante dessa ideia de que o governo 'tá investindo em... policiamento, em segurança. (L.C.S.).

Na condição de adjetivo, *meio* distancia-se muito do seu sentido original e indica uma avaliação bastante imprecisa. Sem função prescrita pela gramática normativa tradicional, refere-se a *tipo*, *espécie* (13) e (14).

(13) [...] Conquista já tá mais próximo de Minas então ach' que tem *meio* uma mescla (C.B.S.);

(14) [...] um estagiário, *meio daqueles metaleros* (L.M.R.J.).

No *Corpus*, essa palavra aparece também em contexto que indica hesitação, como atesta a ocorrência a seguir:

(15) [...] cê entrava na sala assim [*mei'*] 'cê [...] (D.A.O.).

É válido ressaltar ainda que, quando adjungido a *que*, *meio* forma uma locução [*meio + que*], um articulador textual em contexto de modalização, responsável por estabelecer uma relação do falante com o conteúdo do enunciado. Foi o que deduzimos do trecho:

(16) [...] tá tendo essa atitude então é *meio que* controverso cobrar uma atitude justa dos governantes [...] (C. S.M.N.).

Em cada um dos exemplos, a palavra *meio* assume uma função, um valor e um uso diversos. Trechos como (6), (7), (9) e (12) são aceitos pela norma gramatical tradicional. Outros, como (13), (14) e (16), embora

não reconhecidos pela norma, são licenciados pelo sistema funcional da língua portuguesa.

Analisada a modalidade oral do Português Culto conquistense e as propriedades da palavra *meio* nas expressões, na próxima seção, examinaremos livros didáticos de Língua Portuguesa, adotados por estabelecimentos de ensino de Vitória da Conquista, na Bahia. Nosso propósito é verificar de que forma essas obras, um importante recurso do professor para trabalhar os contextos discursivos em que os elementos linguísticos aparecem, tratam a palavra *meio*.

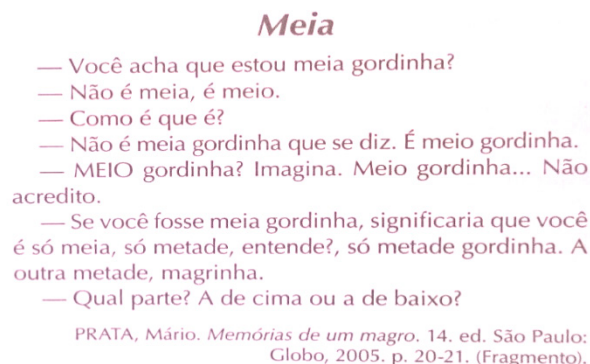
Livros didáticos – Um único *meio* no caminho

Em ordem cronológica de publicação, estas são as obras consultadas:

- a) *Português, contexto, interlocução e sentido*, de Abaurre *et al.* (2008);
- b) *Gramática Texto: análise e construção de sentido*, de Abaurre *et al.* (2010);
- c) *Gramática Reflexiva: texto, semântica e interação*, de Cereja e Magalhães (2011);
- d) *Gramática em textos*, de Leila Lauar Sarmiento (2012).

Em *Português, contexto, interlocução e sentido*, Abaurre *et al.* (2008) lançam mão do texto “*Meia*” para tratar o item *meio*. Trata-se de um diálogo entre duas pessoas.

Figura 1 – *Meia*



Fonte: Abaurre *et al.* (2008, p. 472).

De forma bastante humorística, o escritor mostra a falta de conhecimento de uma das falantes quanto ao que preconizam as

gramáticas tradicionais no que se refere à invariabilidade de *meio* (advérbio) antes de adjetivo feminino. No vernáculo da primeira, não existe a possibilidade da construção [estou + *meio* + gordinha], responsável pela comicidade do texto. A outra tenta explicar “Se você fosse *meia* gordinha, significaria só metade gordinha”. Como existe uma dificuldade de cunho linguístico, fica subentendido, portanto, que a segunda falante afirma que a outra é uma “gordinha por inteiro”. A graça do texto reside, contudo, no fato de a primeira falante agarrar-se à ideia de ser apenas “metade” gordinha.

Na *Gramática Texto: análise e construção de sentido*, também de Abaurre *et al.* (2010), *meio* aparece na lista dos advérbios de intensidade. É feito um destaque especial com essa palavra. A seção *De olho na fala* (ABAURRE *et al.*, 2010, p. 333) adverte:

Figura 2 – De olho na fala

De olho na fala

Quantas vezes você já ouviu alguém dizer “Estou *meia* triste hoje”? Embora seja muito grande o número de falantes que dizem algo assim, devemos lembrar que, em contextos como esse, *meio* é um advérbio, porque modifica um adjetivo (*triste*). Como advérbios são palavras invariáveis, a gramática normativa não admite a flexão de gênero (feminino/masculino) desse termo. De agora em diante, portanto, lembre-se de que o correto seria dizer “Estou *meio* (um pouco) triste”.

Fonte: Abaurre *et al.* (2010, p. 333).

No destaque, alguns detalhes chamam atenção. O trecho “Quantas vezes você já ouviu alguém dizer Estou *meia* triste hoje?” é indício da frequente variabilidade do advérbio em construções como [falante do sexo feminino + *meio* + adjetivo]. As próprias autoras reconhecem a flexão como algo habitual quando respondem: “Embora seja muito grande o número de falantes que dizem algo assim”. O apelo “Devemos

lembrar” sugere a obrigação de o leitor falar a língua ensinada na escola, a variedade padrão. Tal “imposição” parte daquela que prescreve as normas do bem falar e escrever “[...] a gramática normativa não admite [...]”. A parte final do destaque, “De agora em diante, portanto, lembre-se de que o correto é Estou *meio* (um pouco) triste”, reforça a importância da questão e parece funcionar como um marco no tempo. Significa dizer que, a partir daquele momento, os falantes teriam a obrigação de obedecer ao que preceitua a gramática normativa.

Na *Gramática Reflexiva: texto, semântica e interação*, de Cereja e Magalhães (2011), destaca-se a função sintática do advérbio e cita-se um exemplo de *meio* como adjunto adverbial de intensidade: *Meio tonta, deixou-se cair na cama* (CEREJA; MAGALHÃES, 2011, p. 181). Mais adiante, à pergunta “*Meio* ou *meia*?” seguem as regras que determinam os casos em que *meio* pode ser flexionado (como numeral) ou não (como advérbio). Logo depois, um exercício sobre o assunto em questão. Verifiquemos:

Figura 3 – *Meio* ou *meia*?

Reescreva as frases, completando-as com *meio* ou *meia*, conforme convier:

- A porta do camarim estava ☐ aberta e, por instantes, vimos a cantora se maquilhando.
- Não a incomode, pois hoje ele está ☐ triste.
- Era ☐-dia e ☐, quando o almoço foi servido.
- Para dar um sabor especial ao molho de salada, acrescente o suco de ☐ limão e ☐ colher de sobremesa de mostarda.

Meio ou meia?

O numeral *meio* (“metade de um”) é uma palavra variável, ou seja, flexiona-se em gênero. Veja:

Tomei *meio* copo de refrigerante, e ela, *meia* xícara de leite.

Suas aulas iniciam-se *meio*-dia e *meia*. (meia hora)

Já o advérbio *meio* (“um tanto, não inteiramente, quase”) é invariável, isto é, não admite flexão. Assim:

Maria está *meio* aborrecida hoje.

Fonte: Cereja e Magalhães (2011, p. 184).

Na seção *O advérbio na construção do texto*, Cereja e Magalhães (2011) trazem o poema “No meio do caminho”, de Carlos Drummond de Andrade, um pretexto para o estudo do item linguístico *meio*, que reaparece entre os advérbios e locuções adverbiais. Duas questões tratam de *meio*, como podemos observar:

Figura 4

- A classe dos advérbios e locuções adverbiais desempenha um papel de destaque na construção do poema.
 - Identifique alguns advérbios e locuções adverbiais.
 - Qual destes valores semânticos a expressão *no meio do caminho* tem: tempo, lugar, modo ou causa?

Fonte: Cereja e Magalhães (2011).

Em *Gramática em textos*, de Leila Lauar Sarmiento (2012), *meio* aparece no quadro “Emprego dos advérbios”. A seção cuida da classificação tradicional, segundo a qual esse elemento pode assumir, ora a função de advérbio, quando não se flexiona, ora a de numeral, quando se indica a flexão. A norma é esta:

Figura 5

5. As palavras *meio*, *bastante*, *pouco* e *muito* funcionam como advérbios quando são seguidas de adjetivos e, portanto, não se flexionam. Quando seguidas de substantivo, funcionam como adjetivos, pronomes ou numerais, conforme o contexto, ocorrendo, portanto, sua flexão.

*As crianças começaram a ficar **meio** agitadas.*

advérbio adjetivo

*Os condôminos parecem **bastante** preocupados com a situação.*

advérbio adjetivo

*Escolheu **meias** palavras para o agradecimento.*

numeral substantivo

*Havia ainda **bastantes** dúvidas quanto ao caso.*

pronome indefinido substantivo

Fonte: Sarmiento (2012, p. 301).

Mais adiante, na parte final do capítulo, novamente a regra:

Figura 6

- *Meio*, *bastante*, *pouco* e *muito* são advérbios quando seguidos de adjetivos; podem funcionar como adjetivo, pronome ou numeral quando seguidos de substantivo.

*A cidade estava **meio** abandonada.* (advérbio)

*Nesta cidade há **bastantes** lojas.* (numeral)

- *Só*, equivalendo a *somente*, não se flexiona: *Só voltaremos à noite.*
- Numa sequência, emprega-se o sufixo *-mente* apenas no último advérbio: *Caminhava calma e silenciosamente.*
- Advérbios no diminutivo têm valor de superlativo: *Serviram o almoço rapidinho.*
- O advérbio pode ser repetido para expressar sentido superlativo: *Os sinos da igreja tocaram cedo, cedo.*

Fonte: Sarmiento (2012, p. 310).

Conforme vimos, os livros didáticos analisados adotam uma

atitude apenas normativa diante da língua. Desde a obra *Português, contexto, interlocução e sentido*, de Abaurre *et al.* (2008) até a *Gramática em textos*, de Leila Lauar Sarmiento (2012), a atenção concentra-se unicamente na classificação de *meio* nas categorias advérbio (ou locução adverbial), adjetivo ou numeral. A maneira de enfocar esses conteúdos gramaticais baseia-se no ensino de ortografia, sem respaldo nos fatos linguísticos e totalmente desvinculada da língua em uso.

Desse modo, e concordando com a afirmação, segundo a qual “a função que a forma linguística desempenha no ato comunicativo tem papel predominante” (CUNHA; COSTA; CEZARIO, 2003), passemos à última parte do nosso estudo, em que esboçaremos alguns comentários mostrando o tratamento destinado ao item linguístico *meio*.

Meio: inovação versus tradição

Na seção 4, vimos a sucessão de mudanças de sentidos que ocorrem com *meio*, de acordo com os diferentes contextos em que é citado. No *Corpus PCVC*, essa palavra desempenha funções prescritas na tradição gramatical, como numeral (17) e adjetivo (18).

(17) Eh... eles começaram a prova duas e *meia* da tarde (L.M.R.J.);

(18) [...] Pra lembrá assim é *mei* complicado, mas já tive vários. (A.S.A.).

Desempenha, principalmente, papéis discursivos e imprecisos, na condição de substantivo (19), adjetivo (20) e locução (21).

(19) [...] no concreto no *meio* da UESB (L.M.R.J.);

(20) [...] era uma pessoa *meio* de gente que num existe mais, sabe? (A.I.R.M.);

(21) [...] ela tinha *meio que* uma coisa comigo, não sei... [...] (L.C.S.).

Diferentemente, na seção 5, vimos como uma abordagem funcional da palavra *meio* ainda está longe de ser uma realidade em livros didáticos de Língua Portuguesa. Essas obras nada dizem em relação aos casos de deslizamentos funcionais empreendidos por esse elemento. A preocupação dos autores gira exclusivamente em torno da

(im)possibilidade da flexão de *meio*, uma questão bastante antiga, aceita sem muita discussão, inclusive em dicionários dignos de referência:

Meio, adverbialmente: v.g. meio mortos; meio acabado. V. Meio, adj. no fim. Casas meyo derribadas. Couto, 5.2.3 “meio destroçados” Id. 1.3.3. “Caco meyo homem, meyo fera” Eneida, VIII. 46. (Meyo, melhor ortogr. e nos derivados). – **Os nossos Classicos usão** hora do subst. meio adverbialmente: v.g. “meio mortos” Eneida IX. 130 e “meio derribada.” P. Per. 2. F. 63. **Outros** dizem com o adj. as casas meias queimadas.” De Caco meyo homem, meyo fera. Eneida, VIII. 48.” Casas meyo derribadas” Couto, 5.2.3. (SILVA, 1789, p. 283).

A análise das gramáticas normativas indica que teóricos, como Nunes (1935) e Bueno (1944), são contrários à invariabilidade de *meio*, apesar de reconhecerem essa possibilidade. Outros criam termos para essa situação a qual consideram excêntrica, como Sequeira (1954), com “irregularidade sintática”, Said Ali (1964) e Silveira (1983), com “anomalia”. Quase todos, no entanto, são unânimes em admitir a variação.

Tomando por base o exemplo “Era esta a herança dos miseráveis, que ele sabia não escassearam na quase solitária e meia arruinada Carteia.” [AH], Bechara (2010, p. 427) consente: “Observe-se que a possibilidade de flexões é antiga na língua e, assim, não há razão para ser considerada errônea, como fazem alguns autores”. Pactuando desse pensamento, Nunes (1935), Bueno (1944), Said Ali (1964) e Almeida (2005), referendam flexões com citações de clássicos, Machado de Assis, Garret, Herculano, Gonçalves Dias e Camões.

A temerosa flexão de *meio*, bastante repelida nos livros didáticos de Português, situa-se a grande distância do *Corpus PCVC*. O que é motivo de constante preocupação entre os autores desses manuais aparece em apenas uma das doze entrevistas. Vejamos os dois trechos em que isso ocorre:

(22) [...] tem horas que eu assim fico [*meia*] como se fosse tímida hum (S.S.R.S.);

(23) Entendeu? Me acho assim [*meia*] assim... [...] (S.S.R.S.).

Com base nos dados de fala do *Corpus PCVC* e também, conforme ilustramos, no português culto falado na cidade de São Paulo, concluímos que a valorização das normas é importante. Todavia, a preocupação excessiva com a denominada “incorreção” gramatical, com o que é considerado certo e errado serve apenas para “selecionar formas sem nenhum respaldo nos fatos da língua” (CAMACHO, 2003, p. 68).

Conhecer e divulgar os usos e as novas funções de uma palavra é tarefa de fundamental importância. Sem comprometer o que está prescrito na tradição gramatical, aqueles que lidam com o ensino de língua devem observar também o uso que os falantes fazem dela, para reconhecer a força expressiva de cada palavra e apreender o seu significado em cada contexto e em cada fonte (dicionários, atos reais da fala, gramáticas) em que é citada.

Considerações finais

Neste estudo, com o apoio de dicionários, opiniões de linguistas e gramáticos, analisamos o emprego do item linguístico *meio* no *Corpus* de fala do PCVC em comparação a livros didáticos. Os padrões encontrados apontam relações de disparidade do que aparece em ambas as fontes.

No *Corpus* PCVC, percebemos mudanças e deslocamentos funcionais empreendidos por *meio*. Ao mesmo tempo que desempenha funções gramaticais, como substantivo, adjetivo, numeral e advérbio, esse elemento indica o aspecto dinâmico da língua e aparece em enunciados com diferentes sentidos e formas, como *meio que*, por exemplo.

Diferentemente, a análise dos livros didáticos revela, com base nos conceitos, exemplos e exercícios propostos, uma concepção formalista de língua que minimiza os aspectos relacionados à função e trazem uma discussão que é reflexo da norma padrão do português e se concentra somente na histórica e debatida questão envolvendo *meio* e *meia*, um tema pacífico entre os estudiosos da língua, já no século XVIII.

Nos manuais didáticos, o movimento “flexiona/não flexiona” assume importância superior, de forma que ocorrências inovadoras com *meio* são invariavelmente desconhecidas. Seguir o padrão formal e ensinar a língua considerada correta é um dos objetivos da escola, um espaço em que os alunos aprendem a reconhecer e a discernir a variedade não padrão da padrão, a fala da escrita. Todavia, quando se tratam de fatos linguísticos, não pode haver “camisa de força”.

Não foi nosso objetivo tecer longas críticas aos livros didáticos de Língua Portuguesa. No entanto, uma vez fundamentados nos princípios Funcionalistas, e vendo que essas obras não abrem caminhos diferentes para analisar e descrever as diferentes significações e funções das palavras nos diversos contextos, para nós, é importante fazer uma

observação das consequências das propriedades semânticas dos itens linguísticos no ensino formal e registrar o tratamento orientado por meio do livro didático de português no espaço escolar.

As palavras apresentam classificações e significações diversas e, esses sentidos só alcançam um destaque especial se observados nos seus devidos contextos. Portanto, no ensino de língua, tão importante quanto os aspectos morfológicos e sintáticos é a análise dos aspectos semânticos e pragmáticos dos vocábulos. É necessário conhecer gramáticas normativas para conhecer a língua formal, os dicionários (os antigos e os recentes, o “velho” e o “novo”, a tradição e a inovação) para entender a etimologia, a história e a significação das palavras em cada momento de sua história. É importante conhecer também a variedade linguística em gramáticas de usos, em *corpus* de fala. Os livros didáticos por vezes falham porque não trazem todas as variações semânticas que essas fontes podem mostrar.

Referências

ABAURRE, Maria Luiza M.; ABAURRE, Maria Bernadete M.; PONTARA, Marcela. **Português: contexto, interlocução e sentido**. São Paulo: Moderna, 2008. v. 2.

_____; _____. **Gramática – texto: análise e construção de sentido**. Parte II. 2. ed. São Paulo: Moderna, 2010.

ALMEIDA, Napoleão Mendes de. **Dicionário de questões vernáculas**. 3. ed. São Paulo: Ática, 1996.

_____. **Gramática metódica da língua portuguesa**. 45. ed. São Paulo: Saraiva, 2005.

AULETE, Caldas. **Dicionário contemporâneo da Língua Portuguesa**. III volume. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Delta S. A., 1964.

BAGNO, Marcos. **Não é errado falar assim: em defesa do português brasileiro**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

BECHARA, Evanildo. **Gramática escolar da Língua Portuguesa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.

BLUTEAU, Raphael. **Vocabulario portuguez & latino: aulico, anatomico, architectonico**. Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesus, 1712-1728. 8 v. Disponível em: <<http://www.brasiliana.usp.br/en/dicionario/2/meio>>. Acesso em: set. 2015.

BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais – Ensino Médio**. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/14_24.pdf>. Acesso em: set. 2015.

BUENO, Francisco da Silveira. **Gramática normativa da Língua Portuguesa**. São Paulo: Saraiva & Cia., 1944.

CAMACHO, Roberto Gomes. Sociolinguística: Parte II. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (Org.). **Introdução à linguística**: domínios e fronteiras. São Paulo: Cortez, 2001. v. 1.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de. Funcionalismo e gramáticas do português brasileiro. In: SOUZA, E. R. et al. **Funcionalismo linguístico**: novas tendências Teóricas. São Paulo: Contexto, 2012. p. 20-42.

CEREJA, William Roberto; MAGALHÃES, Thereza Cochar. **Gramática reflexiva**: texto, semântica e interação. 3. ed. São Paulo: Atual Editora, 2011.

COUTINHO, Ismael de Lima. **Pontos de gramática histórica**. 6. ed. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1974.

CUNHA, Celso. **Gramática da língua portuguesa**. 11. ed. Belo Horizonte: FAE/MEC, 1986.

_____. **Gramática do português contemporâneo**. 2. ed. Belo Horizonte: Bernardo Alvares S.A., 1971.

CUNHA, M. A. F. da; COSTA, Marcos Antônio; CEZARIO, Maria Maura. Pressupostos teóricos fundamentais. In: CUNHA, Maria Angélica Furtado da; OLIVEIRA, Mariângela Rios de; MARTELOTTA, Mário Eduardo (Org.). **Linguística funcional**: teoria e prática. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2003. p. 29-55.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa**. 4. ed. Curitiba: Positivo, 2009.

FIRMINO, Nicolau. **Dicionário Latino-português**. 2. ed. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1963.

JUCÁ FILHO, Cândido. **Dicionário escolar das dificuldades da Língua Portuguesa**. Brasília: MEC, 1963.

LIMA, Gilsileide Cristina Barros. **De meyo a meio que**: usos e gramaticalização do item linguístico meio no vernáculo conquistense. 2016. 101 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, Bahia, 2016.

LIMA-HERNANDES, Maria Célia. A evolução da gramática e o aporte funcionalista: bases teóricas. In: _____. **Indivíduo, sociedade e língua**: cara, tipo assim, fala sério! São Paulo: Edusp, 2011. p. 21-53.

MARTELOTTA, Mário Eduardo (Org.). **Linguística funcional**: teoria e prática. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2003.

NEVES, Maria Helena de Moura. **A gramática funcional**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

NÓBREGA, Ivone Silva. **Usos do advérbio meio** – modalização e flexão. 2007. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2007.

NOGUEIRA, Priscilla de A. **Correlação entre gramaticalização e movimentação social** – estudo do item meio na cidade de São Paulo. 2008. 20 f. Universidade de São Paulo. São Paulo, 2008. Disponível em: <<http://www.bv.fapesp.br/pt/pesquisador/78939/priscilla-de-almeida-nogueira/>>. Acesso em: 10 jan. 2015.

_____. **Gramaticalização da construção quase que**: motivações cognitivas para o uso da construção e incerteza. 2014. 298 f. Dissertação (Mestrado em Filologia e Língua Portuguesa) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

NUNES, José de Sá. **Língua vernacula**: grammatica e anthologia. 1ª e 2ª séries. Porto Alegre: Livraria da Globo, 1935.

NUNES, José Joaquim. **Compêndio de Gramática Histórica Portuguesa**. 8. ed. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1945.

PERINI, Mário A. **Gramática do português brasileiro**. São Paulo: Parábola, 2010.

SAID ALI, M. **Gramática secundária da Língua Portuguesa**. 3. ed. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1964.

SARMENTO, Leila Lauar. **Gramática em textos**. 3. ed. São Paulo: Moderna, 2012.

SEQUEIRA, F. M. Bueno de. **A ação da analogia no Português**. Rio de Janeiro: Edição da “Organização Simões”, 1954. (Coleção “Rex”).

SILVA, Antonio Moraes. **Diccionario da lingua portugueza** – recompilado dos vocabulários impressos ate agora, e nesta segunda edição novamente emendado e muito acrescentado, por ANTONIO DE MORAES SILVA. Lisboa: Typographia Lacerdina, 1789. Versão digital disponível em: <<http://www.brasiliana.usp.br/en/dicionario/2/meio>>.

SILVEIRA, Sousa da. **Lições de Português**. 9. ed. Rio de Janeiro: Presença; Brasília: INL, 1983.

Recebido em: 15 de fev. de 2017.

Aceito em: 24 de fev. de 2018.